

# Labor

João Torres

2025-12-06

A fase de análise inicial baseou-se num conjunto de dados desnormalizado; a reformulação subsequente implementou um *data warehouse* multidimensional que permitiu a análise OLAP e a agregação teoricamente fundamentada.

A análise apresentada abaixo põe isso mesmo em prática.

## 0.0.1 Evolução global do *labour share*

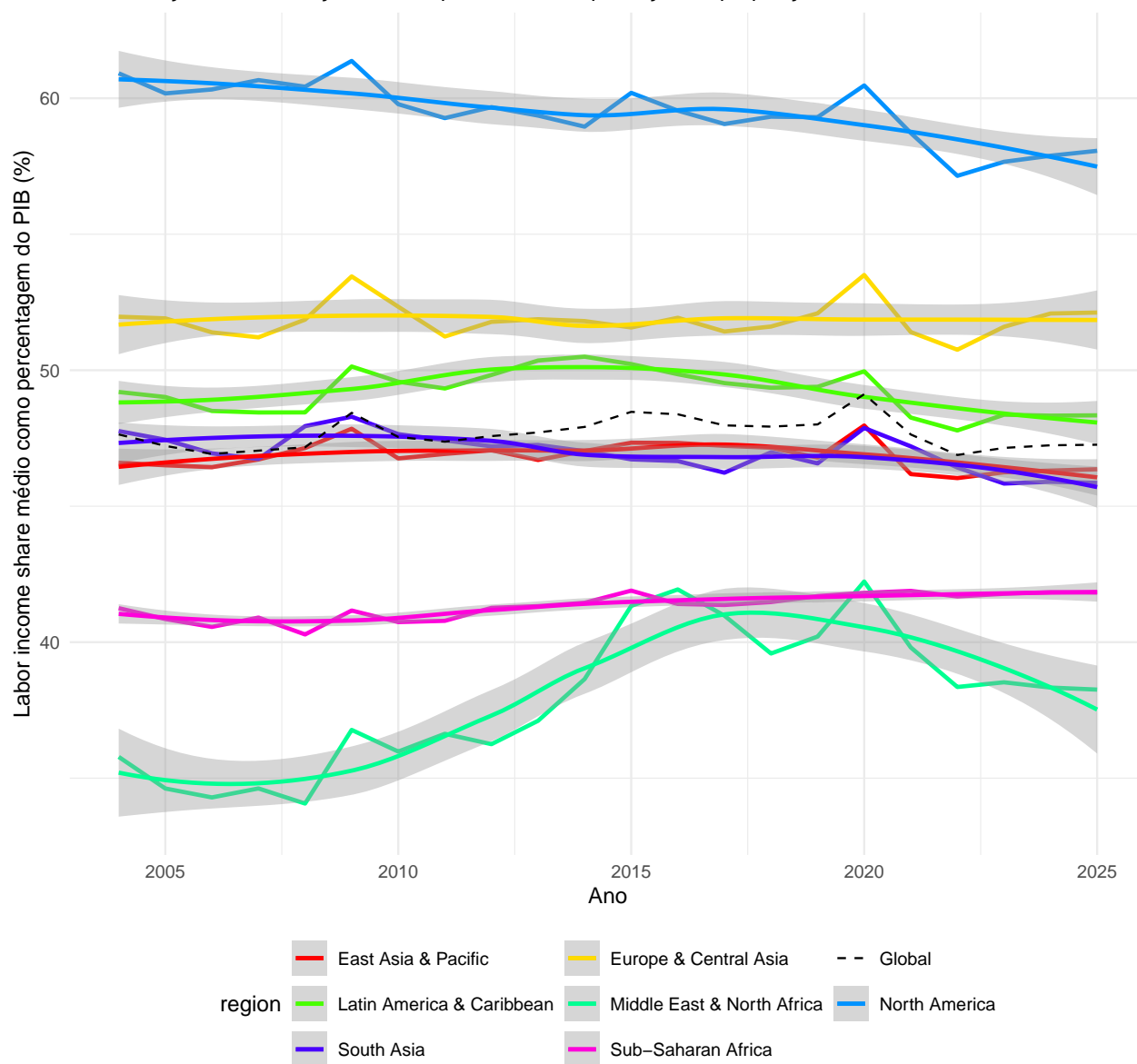
Table 1: Visão geral do labour share por região (2004–2025, a cada 5 anos).

	East Asia & Pacific	Europe & Central Asia	Latin America & Caribbean	Middle East & North Africa	North America	South Asia	Sub- Saharan Africa
2005	46.50462	51.90579	49.01374	34.62096	60.1775	47.44467	40.85213
2010	46.75659	52.33425	49.57748	35.97861	59.7805	47.64883	40.73968
2015	47.33338	51.57227	50.22565	41.33578	60.1975	46.72233	41.89534
2020	47.96679	53.50062	49.95961	42.23030	60.4700	47.87667	41.81283
2025	46.35841	52.11966	48.34071	38.25619	58.0670	45.85650	41.82416

Conseguimos ver como os “países de velho mundo” são os únicos com um *labour share* acima dos 50%. A nível global, isso não se verifica. Embora que consigamos registar um declínio da parte da América do Norte de 61% em 2004, para 58% em 2025. A maioria das regiões mostra certa estabilidade no valor (o que não significa ser algo bom), tirando a América do Norte (com o declínio já mencionado), e o Médio Oriente e Norte da África. O Médio Oriente e Norte da África, Para além de terem o pior *labour share* registado em (quase) todos os anos (34%–42%), é bastante desregulado. Começou a subir perto de 2007–2008, quanto teve a crise global. São países com grandes riquezas petrolíferas, e que quando o preço do “ouro negro” subiu, o mesmo não se verificou na carteira dos trabalhadores. A Primavera Árabe ocorreu após essa crise, e é provável que, para acalmar as revoltas, os governos criaram reformas que aumentassem o *labour share* de certa forma. Também é possível notar o aumento a nível global no ano 2020, com o evento do início pandemia do SARS-CoV-2.

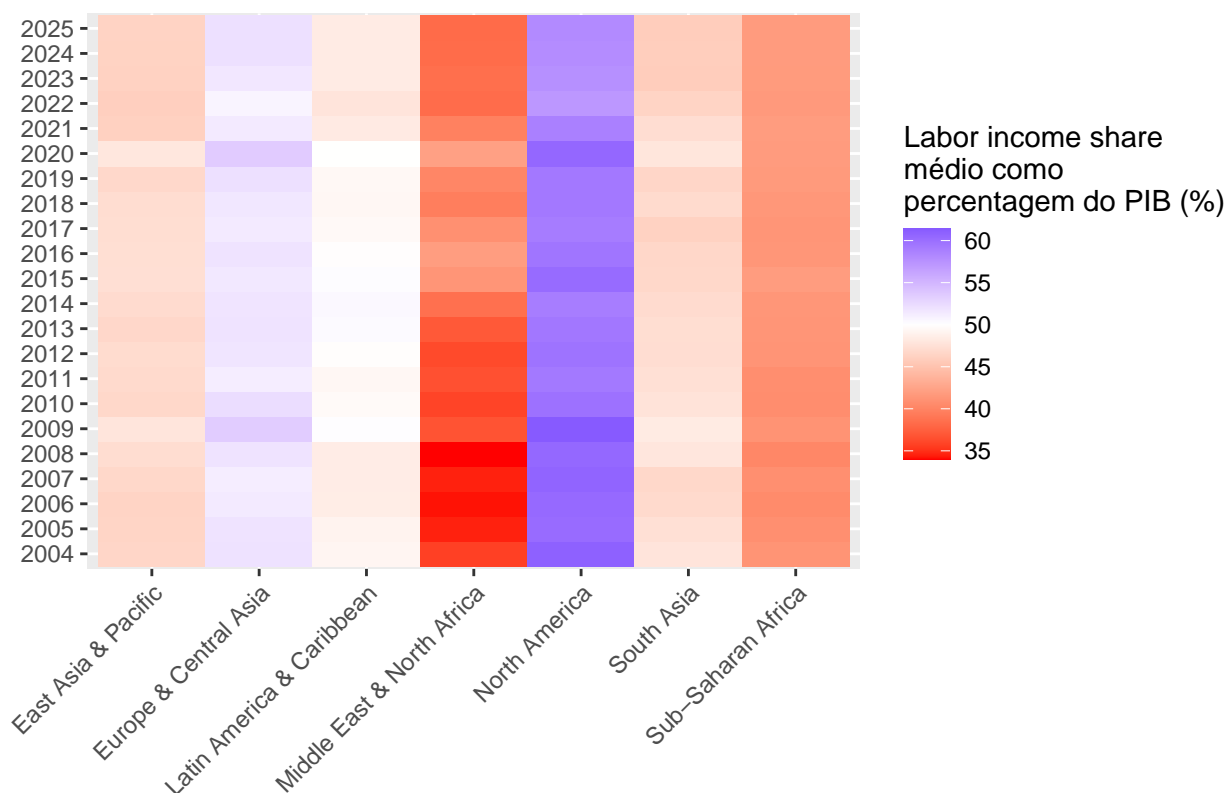
## Tendências Globais do labour share(2004–2025)

Intensificação da contradição entre capital e trabalho: produção e apropriação de valor



Uma coisa é certa, com um *labour share* a nível global de cerca de 48%, e regiões onde o valor é 10% acima ou abaixo desse valor, com tendências descendentes nas regiões de ambos os casos. Existe claramente uma desigualdade regional, com os trabalhadores do norte global a ganhar uma maior parte da riqueza que a sua região gera. Apesar de declínios a nível regional, existe uma certa estabilidade global.

## Desigualdade espacial no labour share ao longo do tempo



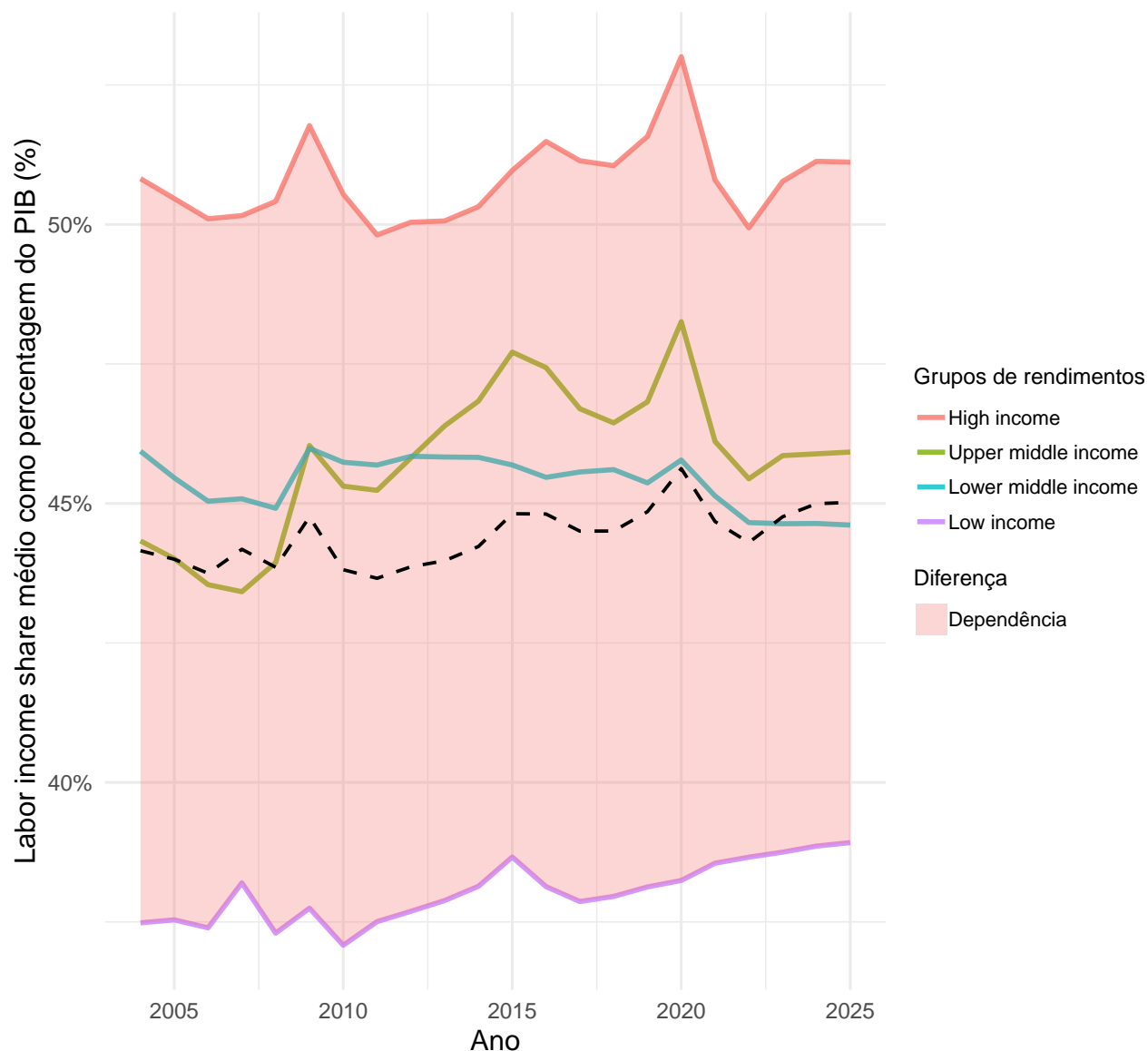
O *heatmap* claramente destaca os mínimos das regiões do Médio Oriente e Norte da África/Subsaariana em comparação com os máximos da América do Norte.

### 0.0.2 Comparação entre centro e periferia

Conseguimos ver claramente uma diferença enorme entre os países com maior rendimento e aqueles com menor rendimento. Existe uma diferença maior que 10% sobre o *labour share*. Os países de renda médio alta e de renda médio baixa estão quase na mesma situação, e acima da média dos extremos normalmente, com os países de renda média baixa a passar para baixo nos últimos anos. Conseguimos reparar que os de renda média baixa já tiveram em média maior *labour share* que os de renda médio alta até 2012. Mas também é de lembrar que talvez, os países que hoje estão categorizados como sendo de renda média alta, antes de 2010 era de renda média baixa, e vice-versa, como já foi notado anteriormente.

## Divergência no labour share entre o centro e a periferia

Extração persistente de lucro da periferia para o centro



Uma possível forma de demonstrar a teoria da dependência mostrando diferenças persistentes no labour share entre economias centrais (alta renda) e periféricas (baixa renda), destacando a dinâmica da exploração.

Os países centrais de rendimentos altos mantêm cerca de 50% do labour share, enquanto os países periféricos de baixo rendimento estagnam em cerca de 38%, criando uma diferença estrutural de um pouco mais de 10% que visualiza o mecanismo de “dependência” e extração central da teoria da dependência.

### 0.0.3 Produtividade *versus* labour share

Agora, vamos tentar mostrar uma contradição entre estas duas coisas:

- Produtividade (produção por trabalhador) — medida em PIB por trabalhador (paridade do poder de compra em dólares), reflete o aumento da capacidade técnica da mão de obra e os ganhos de eficiência dentro do capitalismo. Isto captura diretamente a produção por trabalhador, tornando-o ideal para revelar a contradição entre o aumento da produtividade e a estagnação do *labour share*. Como se concentra apenas nos trabalhadores empregados, evita distorções de fatores demográficos, como taxas

de fertilidade ou reformados. O ajuste à paridade do poder de compra (PPC) garante a comparabilidade entre as diferentes regiões do globo;

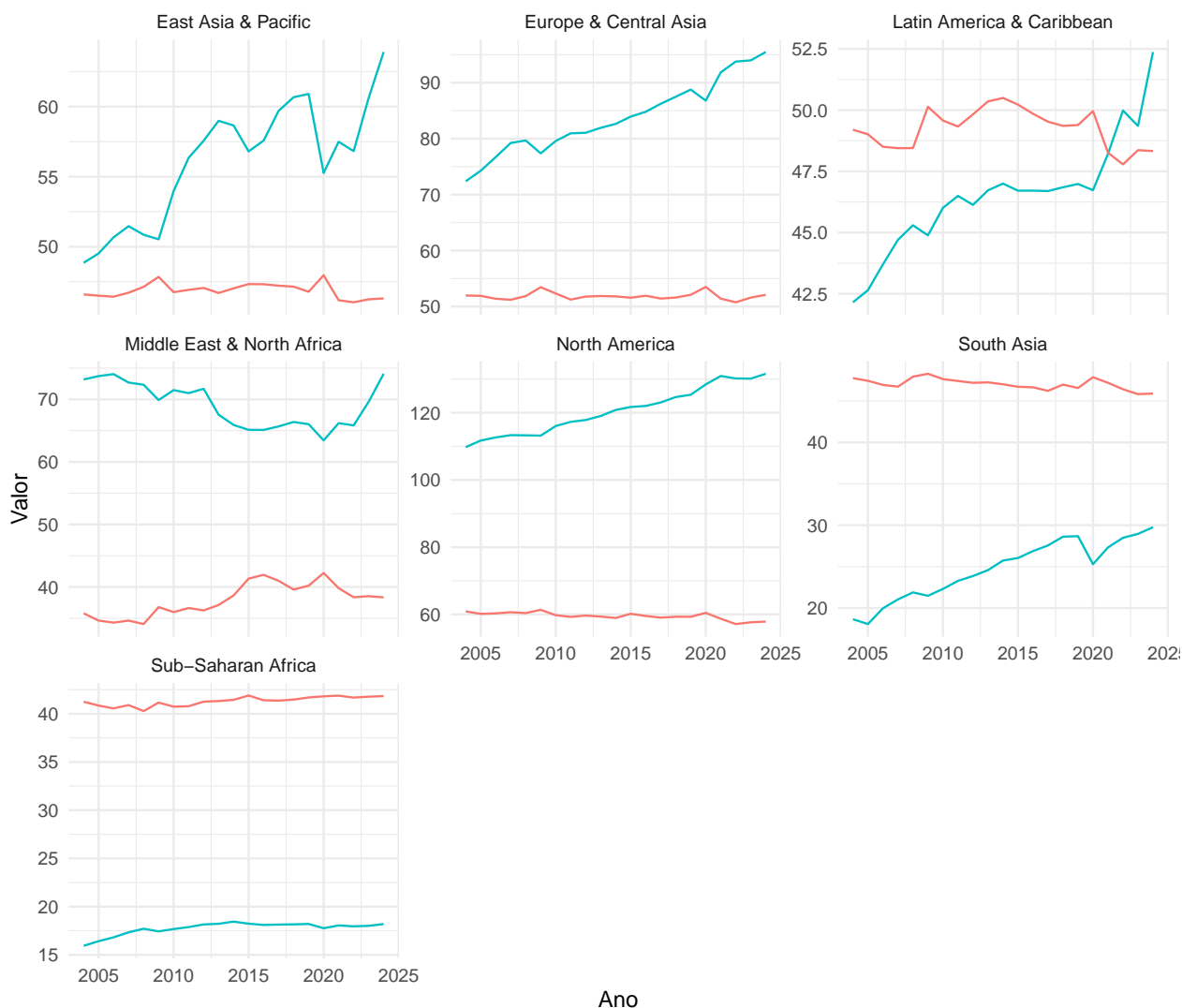
- Labor income share — que representa a parte da riqueza efetivamente capturada pelos trabalhadores.

A produtividade tende a aumentar devido à inovação, mas *labour share* muitas vezes estagna ou diminui — o que significa que o capital captura mais da mais-valia.

A análise seguinte deve ajudar a tornar explícito esta contradição: os trabalhadores aumentam cada vez mais a produtividade, enquanto a sua reivindicação coletiva sobre o lucro (representado pelo *labour share*) é mediada e limitada pelo controlo do capital sobre a produção.

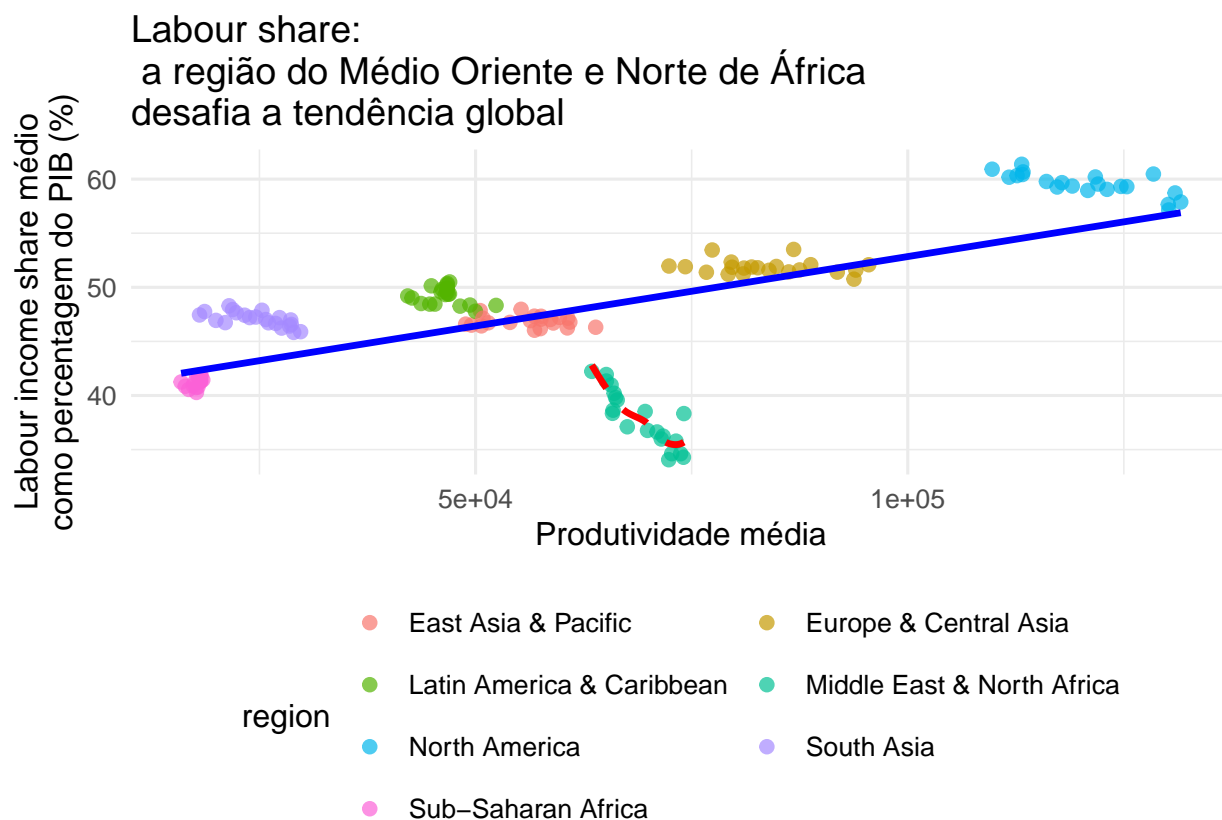
### Aumento da produtividade versus estagnação do labour share

Visualizando a contradição central do capitalismo: produção coletiva, apropriação privada



— Labour income share médio como percentagem do PIB (%) — Produtividade x 1000 (PPC em dólares)

Na maioria das regiões (excluindo o Médio Oriente e o Norte de África até a altura do COVID), a produtividade só têm aumentado a nível global. Enquanto isso, temos o *labour share* basicamente estagnado.



Se a relação fosse negativa ou estável, tornava explícito: à medida que a produtividade cresce, a reivindicação dos trabalhadores não cresce.

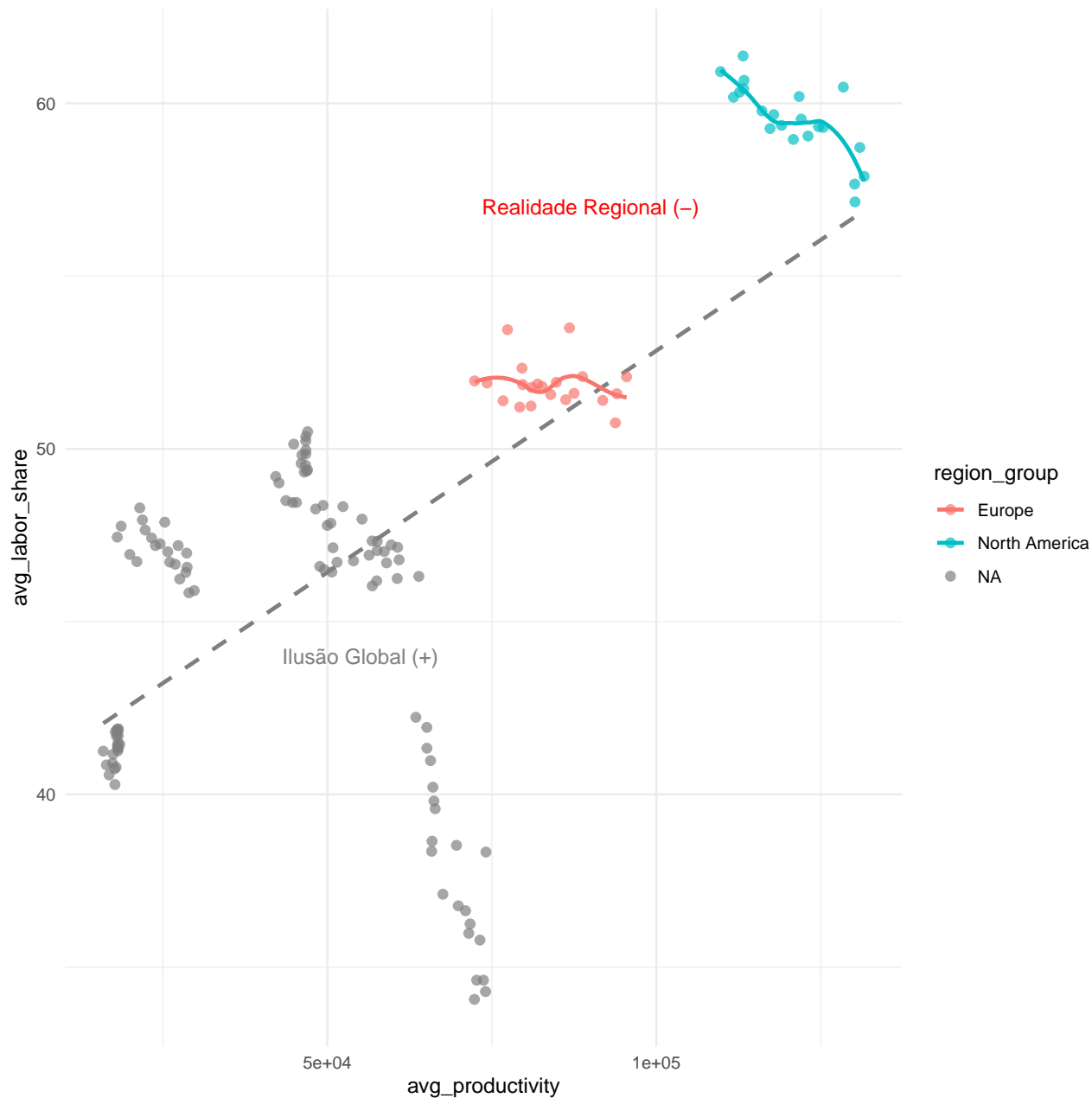
Porém, afinal vemos que os ganhos de produtividade traduzem-se parcialmente no *labour share*, **mas apenas a nível global**. E isso fica bem claro quando olhamos para a exceção: a região do Médio Oriente e Norte de África, onde os rendimentos do petróleo, por estarem sob controlo autoritário dos líderes da região, são eles que ficam com o mais da mais-valia. A produtividade têm aumentado também, porém os trabalhadores recebem cerca de 35%–40%, enquanto o capita acumula mais de 60%. O que isto mostra talvez na realidade é que esta é a única região em que os capitalistas não aumentam, nem que ligeiramente os salários, para manter os trabalhadores calmos, ao mesmo nível que do resto do mundo. São dois modelos de extração do lucro diferentes: a gerida e a descarada.

Table 2: Visão geral do labour share por região (2004–2025, a cada 5 anos).

region	slope	std.error	p.value	statistic
Latin America & Caribbean	-0.0000871	0.0000758	0.2652746	-1.1478594
East Asia & Pacific	-0.0000148	0.0000271	0.5912831	-0.5462030
Sub-Saharan Africa	0.0003493	0.0001454	0.0267061	2.4017787
Europe & Central Asia	-0.0000191	0.0000225	0.4047215	-0.8521926
Middle East & North Africa	-0.0006366	0.0000808	0.0000002	-7.8815888
South Asia	-0.0001262	0.0000310	0.0006620	-4.0639675
North America	-0.0001202	0.0000219	0.0000264	-5.4987752

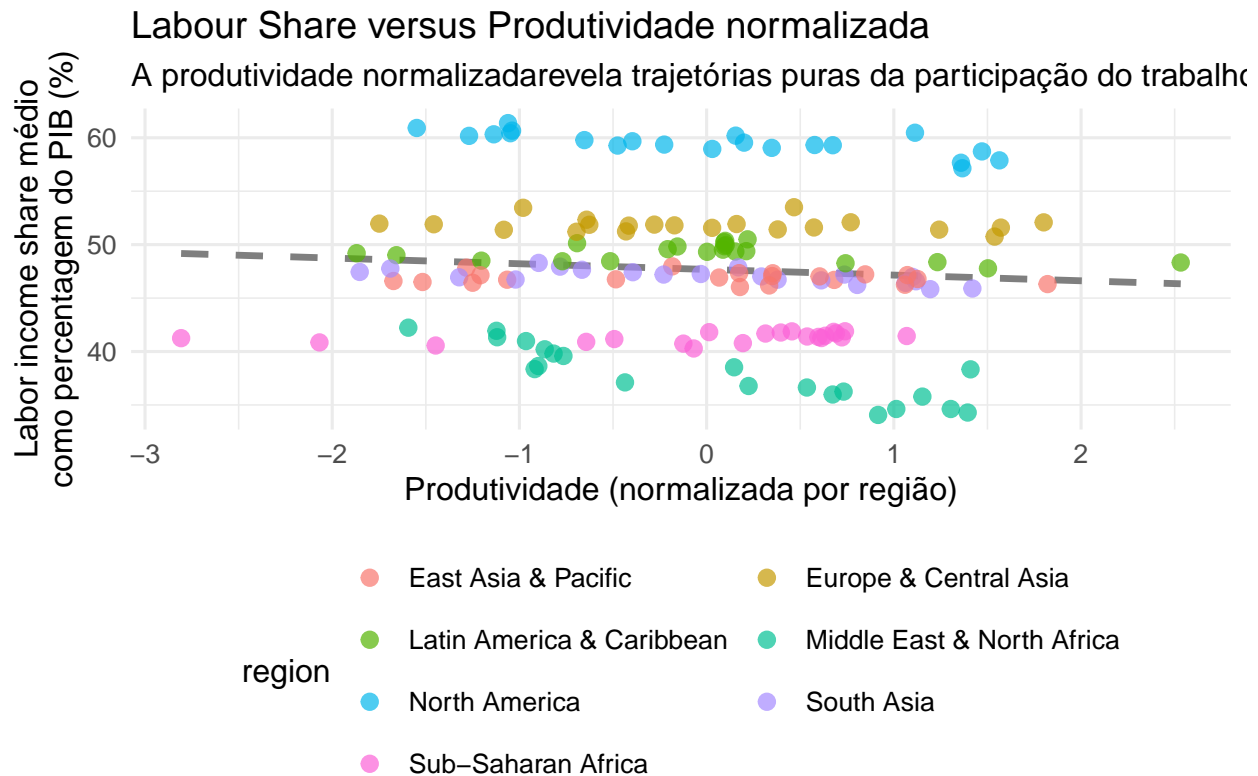
Quando olhamos **a nível regional**, a contradição mostra-se correta (apenas a África Subsaariana contraria a tendência). A “inclinação positiva” global era uma ilusão ótica — paradoxo de Simpson — resultante da média de todas as regiões, mas regionalmente, a tendência do capital é clara. Ao olharmos para o cenário

globalmente, acabamos por cair na narrativa do capital, que ganhos de produtividade equivale a ganhos salariais. A análise regional expõe a mentira — o *labour share* está basicamente estagnado em todos os lugares.



A linha global demonstra a ilusão de ótica resultante da mistura de regiões alta produtividade com com baixa produtividade. O declínio do *labour share* é uma característica estrutural do capitalismo em todo o mundo.

Vamos normalizar a produtividade numa distribuição normal para uma última visualização.



Todas as regiões normalizadas com média 0, e desvio padrão 1. Foca-te na tendência do labour share.

#### 0.0.4 Investimento direto estrangeiro versus labour share

Como os fluxos do IDE podem assumir valores negativos, aplicamos uma transformação logarítmica com sinal, preservando tanto a magnitude como a direção dos fluxos de capital, ao mesmo tempo que reduzimos a assimetria.

Sem o uso da desta transformação, neste caso com a função logarítmica, estaríamos a juntar fluxos enormes com fluxos mais pequenos. Desta forma os valores maiores ficam comprimidos, diminuindo a variação, continuam a mostrar a sua dimensão, ao mesmo tempo que diminuímos os possíveis *outliers* que poderiam dificultar a análise do coeficiente de correlação Pearson.

A transformação logarítmica com sinal preserva a direção do fluxo, ao mesmo tempo que controla os valores monstruosos.

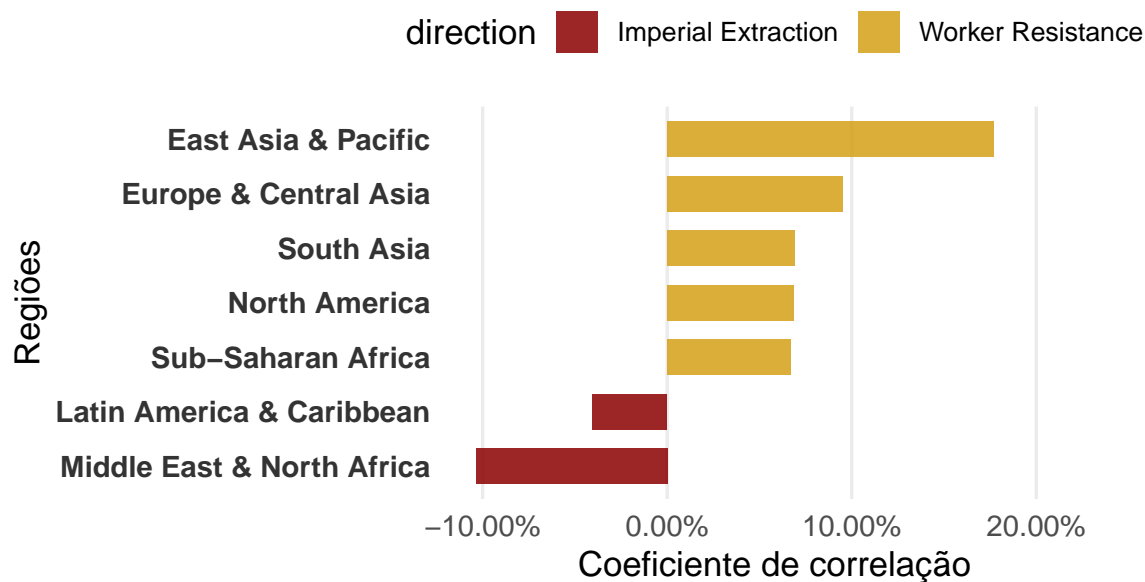
A correlação de Pearson usa a covariância que mede a direção do movimento conjunto deste caso da média dos fluxos do IDE com a média do *labour share*, ao longo do tempo, e divide pela multiplicação do desvio padrão dos dois. O desvio padrão mede o quão dispersos estão os dados em torno da sua média. Se estiverem muito dispersos, o valor é maior, e isso vai então diminuir o valor do coeficiente de correlação. No final, o coeficiente é um valor normalizado entre  $-1$  e  $1$ . Se o valor for  $0$ , não existe correlação. Se for  $1$ , existe uma correlação perfeita onde um valor cresce juntamente com o outro, que é o caso oposto de se o coeficiente for  $-1$ , também uma correlação perfeita, mas um dos valores desce quando o outro sobe.

Para a esta correlação entre os fluxos IDE e o *labour share*, o coeficiente  $< 0$  significa “mais extração, menos *labour share*” — sinal imperialista fundamental.

Esta visualização destaca correlações negativas no Sul Global (América Latina, Caraíbas, Médio Oriente e Norte de África) como evidência da destruição salarial através da extração imperialistas, enquanto correlações positivas em outros lugares expõem a colaboração entre burguesias.



## Proxy de extração imperialista: correlações entre fluxos IDE e labour share por região



As correlações negativas na América Latina (−4,1%) e na região Médio Oriente e Norte de África (−10,4%) dão força à tese de que os fluxos IDE não representam “desenvolvimento”, mas sim a extração de valor dos trabalhadores para os centros imperialistas. O Leste Asiático e o Pacífico apresentam a correlação positiva mais forte entre fluxos IDE e *labour share* (Ásia Oriental +17,7%), sugerindo resistência dos trabalhadores ou dinâmicas alternativas de capital como alianças capitalistas estatais. A correlação positiva da Ásia Oriental prova que a autogestão dos trabalhadores pode capturar/reverter os fluxos imperialistas.

Os valores do coeficiente de correlação, podem não parecer suficientemente fortes, até as regiões destacadas têm valores fracos. Mas esta é uma análise empírica. As fracas correlações não negam a extração imperialista. Correlações fracas são consistentes com um sistema no qual a extração de excedentes está estruturalmente incorporada.